



afeto

GRUPO DE PESQUISA
EM ETNOCENOLOGIA (UNB)

ETNOCENOLOGIA

saberes de vida, fazeres de cenas

Cícero Félix e Graça Veloso

(organização)



UnB

ETNOCENOLOGIA
saberes de vida, fazeres de cenas

Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Artes - IdA
Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas - PPGCEN
Afeto - Grupo de Pesquisa em Etnocenologia.



ETNOCENOLOGIA

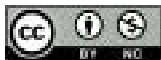
saberes de vida, fazeres de cenas

Cícero Félix e Graça Veloso

(organização)



Brasília, 2023



A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens dessa obra é dos autores.

Informações

Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Artes - IdA
Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas - PPGCEN
Afeto - Grupo de Pesquisa em Etnocologia.
Campus Universitário Darcy Ribeiro
Brasília (DF), Brasil.

Capa e diagramação

Cícero Félix

Revisão

Os autores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

E84 Etnocologia [recurso eletrônico] : saberes de vida, fazeres de cenas / Cícero Félix e Graça Veloso (organização). - Brasília : Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, 2024.
175 p. : il.

Inclui bibliografia.
Modo de acesso: World Wide Web:
<<https://livros.unb.br/index.php/portal/catalog/category/ida>>.
ISBN 978-65-88507-08-7.

1. Artes cênicas - Aspectos antropológicos. I. Félix, Cícero (org.). II. Veloso, Graça (org.).

CDU 792:39

Heloiza Faustino dos Santos - CRB 1/1913

Sumário

APRESENTAÇÃO Etnocologia: saberes de vida, fazeres de cena, **11**

Saberes

Porque Cultura e por que não Popular? Léxicos, políticas e espaços, **Adailson Costa dos Santos, 20**

Etnocologia: em demanda de uma epistemologia de permanência e manutenção do radical Etno, **Graça Veloso, 38**

Corporalidad, corporeidad, corpospfera, **Paul San Martín, 50**

Fazeres

O lugar da reza no Altar do Menino Deus e na Folia de Nossa Senhora do Livramento, **Cícero Félix de Sousa, 62**

Processo de criação na Etnocologia: experiência, teatro e branquitude, **Diego Pereira Borges, 84**

Uma vivência estética e afetiva com menores em cumprimento de medidas de liberdade assistida - UAMA do Paranoá (DF), **João Timótheo Maciel Porto, 102**

Educação e Etnocologia: horizontes tangentes que podem ser visibilizados. Possíveis? **Joselito Eduardo Matos Sampaio, 116**

Espectáculo Ninho: a mulher-pássaro e sua trajetividade etnocológica para criação em dança, **Liubliana Silva Moreira Siqueira e Graça Veloso, 140**

Tombo do maguio: trajetos de corpo e criação cênica a partir do cavalo marinho pernambucano, **Tainá Dias de Moraes Barreto, 156**



fazeres

O lugar da reza no Altar do Menino Deus e na Folia de Nossa Senhora do Livramento

Cícero Félix de Sousa¹

Resumo

Este artigo é um recorte de minha pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGCEN) da UnB e trata das múltiplas funções da reza e sua estética sensorial em duas manifestações consideradas espetaculares pela Etnocologia: Altar do Menino Deus e Folia de Nossa Senhora do Livramento, ambas realizadas na comunidade rural do Jataí, município de Canápolis (BA). Na primeira manifestação são 14 dias de reza, na segunda apenas um dia. Cada reza tem sua “cabeceira”, pessoa que inicia e puxa o ritual: no altar, é Dona Pulu, 73 anos; na folia, é Seu Né de Teodósio, 83 anos. A partir de uma abordagem baseada na cosmopercepção e nos fundamentos transdisciplinares da Etnocologia, tento tocar as camadas que constituem essas rezas presentes nessas manifestações da cena contemporânea, que sacodem a dormência do cotidiano do Jataí para celebrar o estar juntos nas relações com o sagrado.

Palavras-chave: Etnocologia; catolicismo; Oeste da Bahia; cena contemporânea; espetacularidade.

1 Doutorando do PPGCEN da UnB, na linha Culturas e Saberes em Artes Cênicas, sob a orientação do prof. Graça Veloso; membro do Afeto, grupo de pesquisa em Etnocologia da UnB, do GRUDET, Grupo de Dinâmicas Espaciais e Desenvolvimento Territorial da UFOB e professor efetivo da UFOB, na qual está atuando na Coordenadoria de Cultura e Arte, e na edição da revista [Francisco](#), uma plataforma digital para divulgação e troca de saberes. Este artigo foi apresentado no XI Reunião Científica da ABRACE: Artes Cênicas na Amazônia: saberes tradicionais, fazeres contemporâneos realizado em novembro de 2022.

ATÉ POUCO TEMPO, entendia que *reza* era apenas sinônimo de *oração*. Pai-Nosso, Ave-Maria, Salve-Rainha, Credo, Santo anjo, era tudo reza. Em 2017, durante uma pesquisa etnográfica no Território de Identidade da Bacia do Rio Corrente sobre algumas manifestações sagracionais realizadas em comunidades rurais, perguntei ao padre Marcos da Silva Santos, à época pároco em Bom Jesus da Lapa, licenciado em filosofia e bacharel em teologia, se a Igreja Católica² fazia distinção entre uma coisa e outra. Ele explicou que “rezar seria recitar alguma oração já existente e oficial”. Pai-Nosso, Ave-Maria, Salve-Rainha, Credo e Santo anjo, eram exemplos de orações. Isso me fez pensar na hibridez da palavra reza, pois ela é substantivo (quando se refere à oração) e verbo (quando se refere ao ato de rezar a oração). No entanto, embora continuasse a usar *reza* como sinônimo de *oração*, quando escutei como algumas pessoas das comunidades rurais do município de Canápolis (BA) se referiam a *reza*, compreendi que ali aquela palavra tinha uma dimensão que transcendia o significado de *oração*.

Quando Carma me convidou para a reza de Nossa Senhora do Carmo, no dia 16 de julho; quando Malvina me convidou para a reza do Senhor Bom Jesus, no dia 6 de agosto; quando Rê me convidou para a reza de São Bartolomeu, no dia 23 de agosto, entendi que a reza, para eles, não era apenas uma oração, mas um acontecimento no qual as pessoas se reuniam para rezar orações e estar juntas. E que a reza poderia ser a própria manifestação sagracional, ou parte integrante de uma manifestação sagracional que, além da reza, teria canto, chula³, samba⁴, dança e giro. No Altar do Menino Deus e na Folia de Nossa Senhora do Livramento, ambas manifestações realizadas na comunidade rural do Jataí, a reza é parte integrante. E embora ela seja aparentada na organização e metodologia, em cada manifestação a reza tem sua própria estrutura e ocupa espaço e tempo diferentes.

2 O termo “Igreja Católica” usado neste artigo se refere à Igreja Católica Apostólica Romana que, assim como a Igreja Católica Ortodoxa, é baseada no cristianismo.

3 No Dicionário de Folclore, Câmara Cascudo (1972) registra chula como canto e dança independente que existe no Brasil, de Norte a Sul. O canto é executado por pares de cantadores. Cada dupla canta o mesmo verso duas vezes e passa o canto para a próxima dupla, até fechar o círculo. A dança é feita por quatro foliões, que formam uma x, no meio do grupo, em movimentos ágeis ao ritmo dos tambores.

4 A palavra samba, aqui, não tem o mesmo significado daquele que identifica o gênero musical urbano carioca amplamente difundido. Samba, na linguagem do povo das comunidades rurais pesquisadas, é a folia das manifestações sagracionais, o batuque e a dança realizados pelos grupos de foliões.

No Altar do Menino Deus a reza é realizada durante os 14 dias da manifestação, às noites, exceto o último dia, quando acontece ao meio-dia. Na Folia de Nossa Senhora do Livramento, a reza acontece apenas no último dos três dias do festejo, ao meio-dia. É uma espécie de fechamento do giro. Acompanho essas duas manifestações desde 2015. Consideradas espetacularmente adjetivas pela Etnocologia⁵, elas constituem o *corpus* de meus estudos de doutoramento, no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas na UnB e, suas rezas, são o foco de reflexão deste artigo, que está dividido em três partes: **cabeça**, **corpo** e **alma**. São partes de um todo marcado pela permanente incompletude, pois a reflexão é um movimento contínuo, como o viver, o experimentar e o experienciar.

Na **cabeça**, apresento as *cabeceiras* (ou *enfrentantes*) das duas rezas, que fazem a primeira voz da dupla que inicia e puxa a reza. No **corpo**, reflito sobre o que é, a função da oração, algumas características e estruturas das rezas do altar e da folia. Na **alma** coloco mais reticências sobre essas reflexões e espetacularidades extracotidianas do Jataí.

⁵ Bião (2009) organiza os objetos de estudo da Etnocologia em três subgrupos: artes do espetáculo, ritos espetaculares e formas cotidianas espetacularizadas pelo olhar do pesquisador. Esses objetos são, respectivamente, fenômenos espetacularmente substantivos, adjetivos e adverbiais. As formas de ações coletivas e sociais de representação aparentadas ao teatro, como rituais religiosos ou festejos públicos, são fenômenos adjetivamente espetaculares. A espetacularidade é uma categoria de interação humana de um acontecimento cotidiano menos banal.



Joana do Jataí (C), ao lado de suas duas filhas: Preta (E) e Macionila (D). Foi com dona Joana, sua avó, que dona Pulu aprendeu os saberes sagracionais.

Foto: Acervo familiar

Cabeça

Há sempre algo que me provoca na fala de Apolinária Barbosa do Rosário Silva. Dona Pulu, como é chamada, é uma mulher negra, mãe, benzedeira e rezadeira conhecida no Jataí. No dia em que a entrevistamos⁶, em 2015, ao ser indagada se era católica ela respondeu: “Minha fia, eu num sei o quéqu’eusô. (...) Num sei se sô católica – eu credito que sô, num sei. Deus é quem sabe”. Depois, completou:

Eu sô da igreja, eu sô da medicina, eu sô de tudo que pensar. Con-tece que chega uma pessoa, nem todos credita... aqui já tem vindo pessoas com criança já quage morreno. Mãe vem com fio nos braço chorano, chega aqui eu benzo, faço um conzido ali duma foia, dum negócio, Deus ajuda que na mesma hora vai embora, sara.
(...)

Já ganhei nome de feitiçêra. Sô isso, sô aquilo, praquê graças à Deus eu sô uma nega mas eu amo todo mundo. Todo mundo que chega tem aquela coisa comigo. Então muitos sente orgulho deu num sê uma ninguém pra eles.

Dona Pulu prefere não classificar objetivamente sua prática de fé: é da igreja, da medicina, de tudo. Tem consciência do lugar que ocupa na comunidade e sabe o que faz com os saberes herdados de sua avó materna, Joana Barbosa do Rosário, filha de uma indígena *pega no dente de cachorro*⁷, conhecida no território por Joana do Jataí. Com a avó aprendeu a benzer, rezar, o poder curativo das plantas e a levantar o Altar do Menino Deus, manifestação que acontece na sua casa entre 24 de dezembro e 6 de janeiro e atrai gente de várias comunidades. Dona Pulu não sabe precisar quando a avó começou a tradição, mas sabe a razão: um voto cuja obrigação era levantar o altar por dois anos. “Aí, quando completou dois ano, a madinha dela foi na casa dela e pediu ela pra durante vida ela tiver, levantasse o Altar do Menino Deus”, explicou.

Desse período em diante, o altar virou tradição na família Barbosa do Rosário. Quando Joana do Jataí faleceu, em 18 de abril

6 Na época, a entrevista foi feita por mim e Renata Pinho, minha orientanda do projeto de Iniciação Científica Identidade Corrente, na Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB).

7 Essa expressão, “pega no dente de cachorro”, se refere a uma ação dos vaqueiros sobre mulheres indígenas encontradas nas matas. Elas eram capturadas, levadas para casa, amansadas e abusadas sexualmente por seu capturador. Essa prática perdurou até o início do século XX.



Dona Pulu, ladeada por sua filha Malvina (D) e a rezadeira Carma (E), no Altar do Menino Deus de 2015.

Fonte: Fotograma de vídeo de acervo pessoal.

1977⁸, ele passou a ser levantado na casa de sua filha Ursulina Barbosa do Rosário, a Sula, sob a responsabilidade de sua neta, dona Pulu, que na época tinha 29 anos, estava casada com seu Camilo Lourenço da Silva, seu Camilo, e já sabia tudo sobre a montagem e a reza do altar. Com a morte de Sula, em 26 de março de 1990, dona Pulu assumiu de vez a tradição e, assim como sua avó, se tornou referência territorial em benzeção e reza.

“No meio de tudo da famia, forante dos que morreu, ficou só eu, que preni as oração da véa. Parece que era praticamente pra mim mesmo”, refletiu ela. Quis saber se aquelas orações eram diferentes das praticadas na Igreja Católica. Ela disse que rezava no “modelo véi”, e justificou:

É praquê eles vai é pela Bíblia, né? E a minha Bíblia é minha cabeça, é meu dom que Deus me deu. Então eles vai fazê a celebração é de João é de num sei de quê, num sei de quê, ali na Bíblia. E eu, não. Eu vou rezá meu ofício, minha ladainha, minhas coisa – tem escrito tudo no livro, mas eu não sei negoçá assim não. É por idea. Ideia assim: se eu começá, aí eu sei se conseguí. Agora, já se qualquer um

8 Dados do registro do cartório civil de Canápolis (BA), segundo o qual Joana Barbosa do Rosário faleceu com 69 anos. No entanto, considerando que entre os quatro filhos que ela teve, Ursulina Barbosa do Rosário nasceu em 1923 (dado na cruz do túmulo), é provável que ela tinha mais de 70 anos quando faleceu.

d'ocês começá na frente mode eu acompanhá atrás, aí eu fico misturada, num dô conta direito.

Esses saberes sagracionais estavam em dona Pulu, como algo que não se sabe o começo e nem fim. Simplesmente estavam ali, nela. Herdara de sua avó, e sua avó certamente herdara de alguém. O começo desses saberes estava longe, em algum lugar no horizonte do tempo espiralado⁹. Vinha de antes de sua avó. E, agora, esses saberes estavam nela, em dona Pulu, e também em Malvina Silva de Souza, sua filha mais velha e dupla na cabeceira da reza do altar.

Conheci seu Né de Teodósio em junho de 2015, na comunidade rural Barreiro do Guará. Hermes Novais¹⁰, um importante pesquisador da cultura e dos povos da região queria me apresentar o que era a *chula* e, seu Né de Teodósio, batizado Manoel Rodrigues de Almeida, então com 76 anos, era um habilidoso tocador de tambor de um grupo. Não tivemos êxito. Por alguma razão sensível a *chula* não saiu. Era a afinação, batida, memória, esquecimento, falta de inspiração, falta do lugar e momento apropriado. A *chula* não saiu naquele dia.

Voltei a encontrar seu Né de Teodósio em 2017, no derradeiro dia do giro da Folia de São Sebastião, em 20 de janeiro. Nesse dia conheci a *chula*, vi seu Né dançar, cantar e tocar. Ele parecia flutuar em êxtase, seus olhos miúdos viravam para o além, seu corpo se expandia sob os efeitos transcendentais da música e ritmo estonteante. No dia 2 de fevereiro, tornei a encontrá-lo na Folia de Nossa Senhora do Livramento.

Realizado há mais de três décadas, o festejo surgiu de uma promessa feita por Senhora, tia-mãe de criação de Reinaldo Vieira de Farias, o Rê, para livrar-lhe de uma doença que o fazia cair nas

9 De acordo com o conceito de temporalidade espiralada da cosmologia africana bantu-kongo abordado por Leda Maria Martins (2003), diferente da concepção ocidental de tempo com cronologia linear, tudo vai e volta, “vivenciar o tempo significa habitar uma temporalidade curvilínea”, “o que flui no movimento cíclico permanecerá no movimento” (Martins, 2003, p. 75).

10 Além de pesquisador, Hermes Novais é dono do espaço museal “Guardados de Hermes”, em Santa Maria da Vitória (BA). Nesse espaço, que recebe frequentemente visita de pesquisadores e estudantes, ele preserva objetos antigos da cultura dos povos do território. Além de seu Né, conheci dona Pulu e Rê através de Hermes.

“quadras da lua” (lua cheia e lua nova). Nesse dia, descobri outra habilidade do folião Né de Teodósio: ser cabeceira de reza. Ele encabeçava a reza de Nossa Senhora do Livramento desde que Rê começou a pagar a promessa, em 1987.

A relação de seu Né de Teodósio com esses saberes sagracionais se deu na década de 1940, com a descoberta do alfabeto. Ele morava na comunidade Olho d'Água dos Correias e, perto de sua casa, morava Francisco Ferreira Lima, professor que lhe ensinou “leitura e doutrina”. “Cresci nessa habituação”, contou ele em 25 de maio de 2019. Nesse dia, conheci um pouco de sua trajetividade, do que estava por trás daquele rezador concentrado de frases pontuadas, palavras escolhidas e pausas suaves, como a aguardar sua mensagem ser digerida pelo interlocutor. Ele se lembrou do Monsenhor Félix¹¹, dos padres Rodolfo e Antônio, todos de Santana (BA), da missa rezada em latim e da mudança para o português:

Naquele tempo eles virava a costa pro povo e depois deu pá celebrá de frente com o povo e as costa virada pro altar. Muita gente achô errado, achô que... mas tudo muda, né? Tem as mudança e tem o significado dessas mudança. Foi indo, todo mundo acostumô e hoje continua. Sobre a missa, era isso: mermo que a gente não entendia o que era que eles dizia no latim, mas a gente tinha aquela tenção, nera? de ganhá alguma indulgência mermo sem conhecê o que é que tava participano.

Atento ao que escutava nas rezas, seu Né acabou aprendendo a rezar em latim a Ladainha de Nossa Senhora. Pedi que falasse mais sobre esse período. Ele se lembrou da “véa” Zifirina, que vinha da Lagoa dos Barata rezar na Semana Santa, e do lugar criado pelo professor Francisco para se rezar a Via-Sacra, quartas-feiras e sextas-feiras da Quaresma:

No final da Via-Sacra rezava a ladainha. Mas rezava assim: de palavra. E aí eu aprendi e continuei depois de adulto rezano mais os meu companheiro. Inclusive, eu tinha aqui no Morro do Guará [onde mora atualmente], um compadre Benevides que nós rezemo várias ladainha assim de festejo. Eu e ele. Sempre o povo me colocava pra iniciá e aí eu continuei mais ele. Mas sempre ele só queria

11 Monsenhor Félix (1914-2008) foi um importante sacerdote católico da região. Ele chegou em Santana (BA) nos anos de 1940. Na época, Canápolis era chamada de Distrito de Ibiaguí, e pertencia a Santana. Só seria emancipada em 1962.

qu'eu tivesse de frente mais ele. Fazia as orações iniciais, o Sinal da Cruz, o Creio em Deus Pai, o Ato de Contrição, e depois seguia com a ladainha.

Os convites para encabeçar rezas se tornaram frequentes na vida de seu Né – era reza para Nossa Senhora do Carmo, São Sebastião, São Bartolomeu, Nossa Senhora da Abadia, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Livramento, entre outras. Com a morte do compadre Benevides, ele passou a rezar com Sebastião das Miúdas e compadre Geraldo, seu genro. “Quando um num tá, mas o ôto tando, é como diz: tanto faz mais um como mais ôto, nós tem costume de rezá”, explicou seu Né. No entanto, em 2017, quando registrei a Folia de Nossa Senhora do Livramento em audiovisual, ele não encabeçou a reza nem com um nem com outro, mas com dona Ana, sua companheira. Tenho a impressão que o “nós”, quando ele diz “nós tem costume de rezá”, não se refere apenas aqueles parceiros de reza citados por ele, fala da cultura da reza nas comunidades rurais do território.



Dona Ana e seu Né de Teodósio, cabeceiras da reza da Folia de Nossa Senhora do Livramento, no ano de 2017.

Fonte: Fotograma de vídeo de acervo pessoal.

Corpo

Como disse no início, a reza representa uma oração específica ou um acontecimento sagrational que reúne pessoas para rezar várias orações. Mas, e o que é oração? Segundo o Manual da Paróquia, cuja 5ª edição data de 1950, oração “é uma elevação da alma a Deus, para adorá-lo, agradecer-lhe os benefícios e pedir as graças de que necessitamos”. Diz ainda que “a melhor de todas as orações é o Padre-Nosso, porque nos foi ensinada pelo próprio Jesus Cristo”; a segunda é a Ave-Maria, dirigida à mãe de Jesus “para implorar sua proteção” e, por último, a Salve-Rainha que, depois da Ave-Maria, é “a oração mais bela e eficaz, composta pela Igreja, que podemos dirigir à Santíssima Virgem” (Franca, 1950, p. 13). Além dessas e de outras orações surgidas no âmbito da Igreja Católica, o povo, a partir de suas experiências individuais e coletivas, acabou criando suas próprias orações e rituais de benzeções para atender as necessidades imediatas do cotidiano. Esse tipo de oração, praticado também por dona Pulu, não é o foco deste artigo, mas valem algumas considerações. Enquanto a reza de festejo é anual, conforme as datas do santo ou santa no calendário católico gregoriano, e se fundamenta na devoção, pedido ou agradecimento de votos; a reza de benzeção tem uma função imediata, conforme a necessidade do dia a dia.

Em 1989, o padre José Evangelista de Souza, filósofo, mestre em teologia e importante pesquisador da cultura da bacia do rio Carinhonha, do contíguo Território de Identidade Velho Chico, registrou 163 orações e bênçãos, além de benditos, hinos, incelenças, cantigas, lendas e simpatias no território. Há orações e rituais para tirar espinho da garganta, coser, benzer, parir, tirar quebranto, mau-olhado, isipa (erisipela), caminhadeira, espinguela caída; atravessar lugar perigoso, estancar sangue, curar cobreiro, aguamento, descobrir caminho no mato, curar de mordida de cobra, benzer animal, levantar campainha caída, esconder o corpo do inimigo, curar frieira, olhado nas tripas, entre outras (Souza, 1989). Tudo isso me fez pensar no que disse dona Pulu (“Eu sô da igreja, eu sô da medicina, eu sô de tudo que pensar”), e sua relação de fé com a natureza, com os saberes que estão nas cascas das plantas, flores, sementes, raízes e até nos bichos. Pensei, também, no domínio coletivo desses saberes.

Um dia, estava com Jairo Rodrigues, em Santa Maria da Vitória, cidade polo do TI Bacia do Rio Corrente. Professor de história, artista plástico, pesquisador e guardião do acervo ferramental do Mestre Guarany, Jairo recebe visitas frequentemente em sua casa e, nesse dia, já à boca da noite, chegou Divina, uma mulher de fortes marcas étnicas da genética indígena.

“Jairo, será quitunumtem um sapo cururu grandão no teu quintal, não?”, perguntou ela.

Surpreso, eu quis saber para que ela queria o sapo.

“Pra fazê um remédio pra dô nas junta”, respondeu Divina.

“E como é feito esse remédio?”.

Ela explicou que matava o sapo, cortava sua barriga e tirava a gordura debaixo da pele. Depois, a derretia no fogo brando até virar óleo. Estava pronto. Era só esperar esfriar e passar “nas junta” com dor.

“E a dor passa?”.

“Ô!! Isso é dos antigo, do povo das roça”, garantiu.

Voltando a questão da reza, não importa se é por devoção, para cumprir uma promessa ou pedir uma graça; para curar um mau-olhado, ferida de um animal peçonhento ou no auxílio do parto. Não importa se o pedido é para uma graça distante ou imediata. Não importa se é no ritual de sepultamento ou no batismo, encomendação das almas ou penitência, missa ou culto, por devoção ou em um festejo de santo ou santa. Não importa se é para amansar um boi brabo ou uma ladainha para acalantar o coração. Em qualquer situação a reza, ou oração, vai agenciar a relação do devoto com o sagrado. É como se um espaço de interlocução se abrisse no espírito para a manifestação da fé e diálogo com esse sagrado invisível representado por imagens santas, caridosas, benevolentes, protetoras e atenciosas.

Agora, antes de tratar das estruturas das rezas do altar e da folia, quero fazer algumas observações. A primeira é sobre os seus participantes, razões que motivaram o surgimento e a continuidade dessas manifestações. Quase todas as rezadeiras, foliões e demais participantes do Altar do Menino Deus também participam da Folia de Nossa Senhora do Livramento. Logo, são manifestações coletivas, festivas e de socialização rural. Por mais que o altar, por exemplo, tenha se tornado tradicional na família Barbosa do Rosário, é uma tradição de todos. Surgiu de um voto de Joana do Ja-

taí, continuou após o voto ser cumprido e passou a acolher outros votos de outros participantes. “É felicidade pra mim e pra todos”, simplifica dona Pulu.

A folia também tem essa característica de acolher promessas de outros devotos, mas, ela deve encerrar quando Rê partir. Ele era de colo quando sua mãe faleceu em um parto. A irmã dela, conhecida por Senhora, o adotou. Aos nove anos ele teve o um desmaio, que passou a se repetir todos os meses nas “quadras da lua”. Foram cinco anos de muitos medicamentos e consultas ao cartomancista Paulo Moreira, até sua tia-mãe recorrer a Nossa Senhora do Livramento, em 1987.

“Minha mãe pegou e fez a promessa pra mim pra durante vida eu tivesse, se eu sarasse, eu continuasse rezano”, contou Rê, na primeira entrevista que fiz com ele, em 2017. Perguntei se ele não pretendia passar a seus filhos aquela tradição. “Não. Porque só é feita pra mim. Se uma hora... aí acaba. Só foi feita pra mim”.

“E se eles quiserem continuar?”, insisto.

“Aí é atitude deles, a opinião que se eles quisé continuá, mas a promessa mermo é minha”.



Rê acompanha a Ladainha de Nossa Senhora, rezada em latim, de joelhos, com a imagem de Nossa Senhora do Livramento na cabeça coberta, em 2017.

Fotograma de vídeo de acervo pessoal.

Quando eu era garoto, lembro que toda semana do mês de maio nós rezávamos a Salve-Rainha na escola. Maio era o mês de Maria, diziam. Achava a Salve-Rainha um poema lindo, mas me vinham imagens tristes quando escutava “A vós bradamos os degredados filhos de Eva/ A vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas”. São impressões sensoriais e estéticas de um período que não esqueço. De modo que passei a considerar a Salve-Rainha uma oração específica daquele mês. Não era. Assim como as orações para as necessidades cotidianas e imediatas são oportunas aos momentos de necessidades, Salve-Rainha, Pai-Nosso, Ave-Maria, Ofício da Imaculada Conceição da Virgem Maria, entre outras, também são oportunas em diversas manifestações sagracionais, independente do período ou da santidade festejada. Esta é a segunda observação: as mesmas orações da reza do altar também são rezadas na folia, com uma ou duas variações. O que não quer dizer que as estruturas sejam as mesmas, como veremos logo mais.

Minha derradeira observação é sobre o modo de rezar no altar e na folia. Em geral, a reza é conduzida por duas duplas e um coro. As duplas podem ser só com mulheres, só com homens, ou mistas, de joelhos, sentados ou em pé. A primeira voz da primeira dupla é da cabeceira, que conduz o ritual da reza e que puxa a *pergunta*. A segunda dupla *responde*¹². Esse *trocado*, no entanto, não acontece em todas as orações. Há orações em que todos os participantes do ritual podem responder em coro e há também aquelas em que todos rezam juntos a oração inteira, como no Credo. Vale ainda pontuar que uma mesma oração pode ser rezada de dois modos (cantada ou recitada) na mesma manifestação. No altar, por exemplo, eu presenciei o Pai-Nosso e a Ave-Maria rezados dos dois modos, nos dois momentos da reza do dia 24/12.

Enfim, feitas essas observações que serão mais exploradas em outra ocasião, passemos para a estrutura das rezas realizadas no Altar do Menino Deus, em 2015, e na Folia de Nossa Senhora do Livramento, em 2017. As duas rezas duram cerca de uma hora e as orações estão dispostas em sequência, entrecortadas por passagens e falas (oferecimentos) das cabeceiras ou por outro ou outra participante do ritual.

12 Para as rezadeiras e rezadores pesquisados, perguntar e responder equivale a uma dupla dizer uma frase da reza e a outra dizer a frase seguinte.

O Altar do Menino Deus

Considero o voto feito por Joana do Jataí o marco memorial e afetivo da fundação dessa tradição coletiva na família Barbosa do Rosário. A reza acontece nos 14 dias da manifestação, de 24/12 a 06/01. No primeiro dia, há dois momentos de reza, como explica dona Pulu: **1º momento, às 20h**: “as rezadêra chega, aí reza o terço, canta os bendito, aí agora é bebê café e prosá”; **2º momento, às 23h**: “começa a rezá o ofício, a ladainha, o bendito”. Terminada a reza, por volta da meia-noite, hora em que Jesus Cristo nasceu segundo a tradição católica, 12 foliões adentram a sala devidamente decorada portando seus instrumentos, e reverenciam o Menino Deus, posto no centro do altar. Esta é a hora de “sambá e cantá a lapinha¹³”. Do segundo dia em diante, até 5 de janeiro às noites, “todo dia nós reza o terço” e, no sábado, o ofício¹⁴ também, explica.

No último dia, 6 de janeiro, Dia de Reis (também chamado de Dia de Santos Reis ou Dia de Santo Reis), a reza acontece ao meio-dia. Segundo seu Camilo, na época de “didinha Joana” os foliões que visitavam o Menino Deus na primeira hora do dia 25 de dezembro saíam em giro pelas comunidades no dia seguinte. Com o tempo, eles decidiram reduzir a quantidade de dias do giro, passando a girar a partir de 31 de dezembro. O giro encerrava exatamente no Dia de Reis, com o retorno dos foliões à nova visita ao Menino Deus. Em 2015, ano em que filmei o altar, não teve giro, apenas a visita dos foliões no primeiro. Dos 14 dias de reza só consegui registrar o primeiro dia e, totalmente, apenas o 2º momento. Do 1º momento tenho alguns recortes que ainda preciso analisar. Portanto, a estrutura que apresento logo abaixo é do segundo momento de reza do Altar:

13 Apesar de dona Pulu usar as expressões “lapinha” e “altar” para se referir a mesma coisa, ela tem a compreensão de que ambos são diferentes. A “lapinha” é erguida no chão, com pedras, areia e miolos de barriguda, com vários objetos, sobretudo pequenos animais, em torno de uma manjedoura construída dentro de uma lapa. Já o “altar” é levantado em uma mesa. No caso do Altar do Menino Deus, há no centro do altar um pequeno quadro de moldura carcomida pelo tempo, com a imagem do recém-nascido Jesus Cristo, rodeado de animais.

14 Segundo tradição católica, o ofício de Nossa Senhora deve ser rezado no sábado, dia dedicado ao culto à Maria, que se ajoelha no céu sempre que alguém reza o ofício.

Estrutura da reza do Altar do Menino Deus (2º momento, 24/12/2015)	
Roteiro	Ações, trechos iniciais e observações
Abertura	Pelo-Sinal, Sinal da Cruz e fala inicial
Credo*	“Creio em Deus-Pai, todo poderoso (...)”
Ao anjo da guarda	“Santo anjo do senhor, meu zeloso (...)”
<i>Louvor: Glória ao pai</i>	Glória ao pai, ao filho ao espírito santo...
Ofício da Imaculada Conceição da Virgem Maria*	“Deus vos salve Virgem, Filha de Deus Pai! (...)” (depois dessa introdução do ofício, há a inserção de dois trechos do Terço Caipira (Glória e Jaculatório) e depois retorna para o ofício)
Ladainha de Nossa Senhora*	Em latim: “Kýrie, eléison/ Kýrie, eléison (...)”
Salve-Rainha*	“Salve-Rainha, mãe da misericórdia (...)”
<i>Oferecimento</i>	Feito por seu Camilo, em latim. É a única participação masculina na reza.



Tradição da reza passada de geração para geração. Flagrante durante o Altar do Menino Deus, em 2015.

Fotograma de vídeo de acervo pessoal.

<i>Oferecimento</i>	Livre
Pai-Nosso*	“Pai nosso que estás no céu (...)”
Ave-Maria*	“Ave Maria, cheia de graça (...)”
<i>Oferecimento</i>	Livre
Pai-Nosso*	“Pai nosso que estás no céu (...)”
Ave-Maria*	“Ave Maria, cheia de graça (...)”
<i>Louvor: Glória ao pai</i>	Glória ao pai, ao filho ao espírito santo...
Bendito para antes do Senhor Deus*	“Maria, mãe de graça/ mãe da misericórdia/ livra-nos do inimigo (...)”
Bendito da cruz*	“Meu Jesus, me encomendou (...)”
Senhor Deus*	“Senhor Deus, misericórdia! (2x) Senhor Deus, pequei, Senhor, misericórdia! (2x) (...)”
<i>Oferecimento</i>	Livre
Oração do anjo da guarda	“Meu anjo da guarda que andou junto comigo (...)”
<i>Oração desconhecida</i>	“Quem falar no nome dessa senhora agora (...)”
Pai-Nosso*	“Pai nosso que estás no céu (...)”
Ave-Maria*	“Ave Maria, cheia de graça (...)”
O sonho de Nossa Senhora	“Quem quiser ouvir e aprender o sonho de Nossa Senhora (...)”
Pai-Nosso*	“Pai nosso que estás no céu (...)”
Ave-Maria*	“Ave Maria, cheia de graça (...)”
<i>Bendito bateu asa o galo</i>	“Bateu asa o galo no primeiro dia (...)”
Bendito pedindo chuva	“Senhora Santana foi subir ao morro (2x) (...)”
<i>Dai-nos a bênção*</i>	“Dai-nos a bênção, ó virgem mãe, penhor seguro (...)”
Oração da noite	“O meu senhor Jesus Cristo, filho da Virgem Maria, me acompanhai (...)”
<i>Oração desconhecida</i>	“Vós que labutai na glória (...)”
Encerramento	Pelo Sinal, Sinal da Cruz, “Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo (...)”
Canto	“Vamos cantando com muita alegria (...)”

* Todas essas orações são rezadas também na folia, na mesma versão;

Todas as **orações em vermelho** foram identificadas nos estudos do padre Souza (1989) em várias versões diferentes. Essas orações, segundo o padre, foram criadas pelo povo;

Todas as **orações em negrito** estão registradas no Manual da Paróquia (1950) e na Porta do Céu (2006) e são consideradas próprias da Igreja Católica, como o louvor “Glória ao pai”, que está apenas no manual;

Os oferecimentos são falas destinadas às santidades e têm diversos fins, como pedir pelas almas do purgatório ou por um devoto específico. São momentos livres e não exclusivos da cabeceira;

Não encontrei nenhuma referência escrita do “Bendito bateu asa o galo”, assim chamado por Malvina, filha de dona Pulu.



Versão do “Ofício da Imaculada Conceição da Virgem Maria” que mais se aproxima com rezado por dona Pulu e seu Né de Teodósio.

Versão de “Dai-nos a bênção”, do Santuário de São Francisco das Chagas de Canindé (CE)

Versão do “Terço Caipira” da paróquia Santa Teresinha do Menino Jesus, de Mogi Guaçu (SP).

A Folia de Nossa Senhora do Livramento

Desde a promessa de sua tia-mãe Senhorinha, em 1987, a folia comandada por Rê, cujo pai é irmão da mãe de dona Pulu, inicia na manhã do dia 31 de janeiro com a saída de 12 foliões, preferencialmente, em giro pelo Jataí e Barreiro do Guará. O ponto de partida e de chegada da folia é a casa de Rê, no Jataí. Ele é o promesseiro, alferes da bandeira e quem recolhe as esmolas para a realização do almoço coletivo. No dia 2 de fevereiro, Dia de Nossa Senhora do Livramento, os foliões retornam para encerrar o giro. O samba de chula invade a sala, anima o festejo e coloca alegria nos corpos que cantam, dançam e bebem. É o movimento que antecede a reza e faz a sala girar. Por volta de meio-dia, começa o ritual da reza. Nesse dia, precisamente 2 de fevereiro de 2017, seu Né de Teodósio e dona Ana encabeçaram a reza o tempo todo ajoelhados. Na hora da ladainha de Nossa Senhora, como obrigação da promessa, Rê se ajoelha com uma vela na mão, uma toalha na cabeça e um pequeno quadro com a imagem de Nossa Senhora do Livramento sobre a toalha, segurado por Rosanea, sua companheira. Encerrada a reza, todos saem em procissão ao redor da casa, seguidos pelos foliões, que deixam um rastro musical nesse movimento circular pontuado por estouros do foguetório. Na reza desse dia, identifiquei a seguinte estrutura:



Após a reza, foliões e demais participantes se preparam para sair em cortejo em volta da casa e voltar para a sala. Registro de 2021.

Fotograma de vídeo do autor.

Estrutura da reza da Folia de Nossa Senhora do Livramento (02/02/2017)

Roteiro	Ações, trechos iniciais e observações
Abertura	Pelo-sinal, Sinal da Cruz, fala inicial e Ato de Contrição
<i>Oferecimento da reza</i>	Livre
Credo*	“Creio em Deus-Pai, todo poderoso (...)”
Ofício da Imaculada Conceição da Virgem Maria*	“Deus vos salve Virgem, Filha de Deus Pai! (...)” (depois dessa introdução do ofício, há a inserção de dois trechos do Terço Caipira (Glória e Jaculatório) e depois retorna para o ofício)
Ladainha de Nossa Senhora*	Em latim: “Kýrie, eléison/ Kýrie, eléison (...)”
Salve-Rainha*	“Salve-Rainha, mãe da misericórdia (...)”
<i>Oferecimento</i>	Feito por seu Né de Teodósio, em latim. É diferente do oferecimento em latim feito por seu Camilo na reza do altar.
<i>Oferecimento</i>	Livre
Pai-Nosso*	“Pai nosso que estás no céu (...)”
Ave-Maria*	“Ave Maria, cheia de graça (...)”
<i>Oferecimento</i>	Livre
Pai-Nosso*	“Pai nosso que estás no céu (...)”
Ave-Maria*	“Ave Maria, cheia de graça (...)”
<i>Oferecimento</i>	Livre
Pai-Nosso*	“Pai nosso que estás no céu (...)”
Ave-Maria*	“Ave Maria, cheia de graça (...)”
<i>Oferecimento</i>	Livre
Pai-Nosso*	“Pai nosso que estás no céu (...)”
Ave-Maria*	“Ave Maria, cheia de graça (...)”
<i>Oferecimento</i>	Livre
Pai-Nosso*	“Pai nosso que estás no céu (...)”
Ave-Maria*	“Ave Maria, cheia de graça (...)”
Louvor: Glória ao pai	“Glória ao pai, ao filho ao espírito santo (...)”
<i>Pedido de graça: Ó meu Jesus</i>	“Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno (...)”
Lembra-vos	“Lembra-vos, ó puríssima Virgem Maria (...)”
<i>Preces</i>	“Santa Maria socorrei os pobres (...)”

Bendito de nossa Senhora do Livramento	“Nossa Senhora do Livramento, padroeira forte (...)”
Dai-nos a bênção*	“Dai-nos a bênção, ó virgem mãe, penhor seguro (...)”
Bendito para antes do Senhor Deus*	“Maria, mãe de graça/ mãe da misericórdia/ livrai-nos do inimigo (...)”
Bendito da cruz*	“Meu Jesus, me encomendou (...)”
Senhor Deus*	Trecho: “Senhor Deus, misericórdia! (2x) Senhor Deus, pequei, Senhor, misericórdia! (2x) (...)”
Encerramento	Pelo-sinal, Sinal da Cruz, “Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo (...)”
Canto	“Vamos cantando com muita alegria (...)”

* Todas essas orações são rezadas também no altar, na mesma versão;

As orações em vermelho foram identificadas nos estudos do padre Souza (1989) em várias versões diferentes. Essas orações, segundo o padre, foram criadas pelo povo;

Todas as orações em negrito estão registradas no Manual da Paróquia (1950) e na Porta do Céu (2006) e são consideradas próprias da Igreja Católica;

Os oferecimentos são falas destinadas às santidades e têm diversos fins, como pedir pelas almas do purgatório ou por um devoto específico. São momentos livres e não exclusivos da cabeceira;

- Não consegui localizar registro do “Bendito de nossa Senhora do Livramento”.

A alma

Identificar cada oração, escutar uma, duas, três ou mais vezes, separar as vozes das palavras, pesquisar por frases até chegar a essas estruturas me fizeram refletir sobre como essas rezas circulam na vida das pessoas dessas comunidades rurais de Canápolis (BA) e como elas agenciam essa relação devocional com o sagrado. Essas manifestações são lugares de encontros. Encontros de saberes, memórias, histórias, afetos, idades, gêneros. É o lugar da partilha, da mescla, dos modos singulares e plurais de viver. Ali eles se desfrutam, experimentam da convivência, diminuem a distância dos corpos para o abraço e o cumprimento, para o riso e o olhar acanhadamente contente, para as falas divertidas e as agitações das brincadeiras. Pedir, agradecer, rezar, estar juntos! – esse é o lugar dessas manifestações sagracionais espetaculares, dessas rezas espetaculares, desses corpos ancestrais, das encruzilhadas dos saberes e da ressignificação dos objetos do domínio religioso colonial. É o lugar de revisitar o passado, de invocar a sabedoria dos antigos e ser contemporâneo.

Faço essas reflexões e penso na elaboração dessas estruturas e o que elas podem nos indicar sobre cada reza e manifestação. Há rezas inteiras, enxertos, pedaços, oferecimentos e passagens até se concluir a arquitetura de cada ritual. Penso em como essas estruturas foram concebidas e o que elas podem nos dizer, a partir da forma de apreensão desses saberes sagracionais por dona Pulu e seu Né de Teodósio. Penso nas orações criadas pela Igreja Católica e pelo o povo. E penso também em como os documentos oficiais de governo reconhecem essas manifestações sagracionais.

Quando perguntei a seu Né de Teodósio como essas rezas se estruturavam, ele citou o Manual da Paróquia. Editado pela primeira vez em 1929, no Rio de Janeiro, esse manual com textos em português e em latim deve ter feito um longo trajeto até circular entre seu Né de Teodósio e outros poucos são-franciscanos precariamente alfabetizados no território. Lá “continha a leitura de cada festa religiosa”, cujos rituais constituíam-se da primeira leitura, evangelho e reflexão. Esse modelo, no entanto, não correspondia às estruturas identificadas das rezas do altar e da folia nos anos pesquisados.

Agora, quero destacar uma sequência de orações seguida de um oferecimento que acontece igualmente nas duas rezas. A reza da Ladainha de Nossa Senhora, em latim, é seguida da Salve-Rainha cantada no mesmo ritmo; depois, vem um oferecimento feito em latim e o encerramento com as rezadeiras cantando “amém” duas vezes, e “Jesus” duas vezes, em uma escala sonora que sobe e desce suavemente. No altar, o oferecimento é feito por seu Camilo, na única participação masculina na reza; na folia, seu Né de Teodósio é quem o faz. Cada oferecimento tem seu próprio texto, sua própria estética sonora, seu próprio latim, sua própria melodia e sua própria fé. Para seu Né, isso é resultado da experiência do viver de cada um:

A gente sabe que num tem quem sabe das coisa tudo afundo, mas um pouquinho que subé é bom a gente praticá. E aí é o que acontece com nós (eu, Camilo), nós somos parente, um parente meio longe mas somos parente, e sempre toda vida nós seguimo a doutrina da Igreja Católica.

Para seu Né de Teodósio, a sua relação com o sagrado se baseia na doutrina católica, independente de a Igreja participar daquelas manifestações. Em vários momentos, sobretudo nos oferecimentos, ele faz referência à Igreja Católica Romana, ao papa e aos sa-



Foi localizada uma versão de “Lembravos” no site do Vaticano News, da Biblioteca Apostólica Vaticana.

cerdotes. Discurso que vem de uma experiência religiosa formal, mesmo que tenha sido forjada no aprendizado oral ao londo do tempo.

Já dona Pulu, foi diferente. É como se ela tivesse nascido e crescido dentro de sua avó e das outras rezadeiras. Foi criada no Altar. Nasceu nele, por assim se dizer. O aprendizado foi orgânico. Assim, herdou aqueles saberes através do sangue, do espírito e da ancestralidade.

Em 2015, durante uma pesquisa bibliográfica sobre a religiosidade do território, encontrei o seguinte texto no Plano Territorial de Desenvolvimento Sustentável (PTDS): “a presença da igreja católica na região foi deficiente, levando os princípios católicos a serem desnaturados nas classes mais baixas, dando origem a credices e superstições” (Brasil, 2010, p. 27). Já me debrucei muito sobre esse texto. O documento coloca claramente as pessoas que compartilham desses saberes no lugar do subalterno, no lugar daquele que deforma e é a própria deformação, seja por preconceito, discriminação, gênero ou racismo. Ao usar e ressignificar vários elementos do devocionário católico colonial português para responder “às necessidades espirituais e sociais do povo na sua vida” (Velo, 1995, p. 65), eles “desnaturalizaram os princípios católicos”.

Tidas como manifestações desnaturadas, elas também são chamadas de manifestações do “catolicismo popular”. Talvez para diferenciar do catolicismo oficial manifestado pretensamente por uma classe superior. Mas, na prática, é apenas um eufemismo estratégico colonialista para continuar com a dominação. Ou seja: não é oficial, mas não deixa de ser católico (catolicismo popular).

Aparentemente seu Né de Teodósio vê essas rezas como manifestações católicas. Já dona Pulu, “Deus é quem sabe”. Não sei. Prefiro não chamá-las de manifestações do catolicismo popular, porque entendo que há nelas outras marcas sagracionais de matrizes estéticas diversas, históricas, sociais, ancestrais. A essas manifestações, que abrem fendas para o diálogo com um eu invisível, para um sagrado encantado através de corpos em estados alterados transbordando de fé; a essas duas manifestações extracotidianas que sacodem a dormência do Jataí em festejos, eu prefiro chamá-las apenas por Altar do menino Deus e Folia de Nossa Senhora do Livramento.

Amém.

Referências

Bião, Armindo Jorge de Carvalho. Etnocologia e a cena baiana: textos reunidos. Salvador (BA): P&A Gráfica e Editora, 2009.

Brasil. Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). [Plano Territorial de Desenvolvimento Sustentável \(PTDS\)](#). Bahia, novembro de 2010.

Franca, Mons. Leovigildo. Manual da Paróquia. Petrópolis (RJ): Editora Vozes Ltda., 1950.

Martins, Leda. (2003). [Performances da oralitura: corpo, lugar da memória](#). Letras (PPGL-UFSM), org. Tania Regina Taschetto. Santa Maria (RS), n. 26, 2003.

Porta do Céu. Devocionário popular composto pelos Padres Missionários Filos do Imaculado Coração de Maria, 31ª edição. Bom Jesus da Lapa (BA): Gráfica Bom Jesus, 2006.

Souza, José Evangelista de. Raízes e histórias: a saga de viver – A religião do povo. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, v. 1, 1989.

Velo, Jorge das Graças. A visita do divino. Brasília (DF): Thesaurus, 2009.



afetc

GRUPO DE PESQUISA
EM ETNOCENOLOGIA (UNB)

